



## **O sionismo manobra com acordo de paz enquanto *massacra mais crianças, mulheres e homens palestinos***

# **É preciso derrotar o sionismo e o imperialismo impondo aos governos a *ruptura total com Israel no mundo todo***

### ***Cessar fogo incondicional já! Fora o sionismo e o imperialismo da Palestina! Palestina Livre do Rio ao Mar!***



O governo genocida de Netanyahu tem manobrando com a possibilidade de um acordo de cessar fogo em Gaza proposto pelos Estados Unidos. A principal alegação é a de que o acordo preserva o Hamas, principal força política e militar na região. E continua enfrentando a pressão da população de seu país quanto à liberação dos judeus mantidos presos pelo Hamas desde 7 de outubro. Mas, e isso é a essência de sua política, mantém e aprofunda o genocídio dos palestinos. A explosão de bombas incendiárias de um acampamento de refugiados em Rafah, há alguns dias, foi seguida de mais e mais ataques. O bombardeio de uma escola da ONU em Nuseirat, mais ao centro da Faixa de Gaza, com centenas de crianças e refugiados, matou mais de 40 imediatamente, sem contar os gravemente feridos. Somente na primeira semana de junho, o hospital Deir Al Balah recebeu 70 mortos e mais de 300 feridos por bombardeios israelenses, e tem de

recebê-los sem os suprimentos necessários, por causa dos bloqueios impostos pelo sionismo.

A prática sionista não indica nenhuma disposição para um acordo de cessar fogo. A manutenção dos bombardeios sistemáticos prova que o enclave do imperialismo está bem alimentado de armas e munições, na sua esmagadora maioria fornecidas pelos mesmos Estados Unidos que apresentam a proposta de “acordo de paz” – fato comprovado pela emissora CNN, de quem não se pode esperar nada em favor dos palestinos. Não devemos desconhecer as atitudes de governos que posam de pacifistas diante das câmeras e microfones, mas mantêm viva a rede de artérias que enviam os suprimentos que garantem a preservação do genocídio.

A proposta dos EUA é formada por 3 fases: 1) retirada das tropas israelenses por 6 semanas, durante as quais haveria libertação gradativa de presos pelo Hamas; 2) a segunda fase seria a negociação de um acordo de paz definitivo,

durante o qual se manteria um cessar fogo – ponto já rejeitado por Israel; 3) reconstrução do território palestino.

Mas desde a 1ª fase, onde seria negociada a troca de prisioneiros, Israel já poderia romper o acordo e reativar o massacre dos palestinos. E, note-se, a troca de prisioneiros e o cessar fogo teria de ser negociado pelo Hamas, que Israel prometeu extinguir por meio do genocídio. A negativa de Israel em manter o cessar fogo na 2ª fase é uma promessa de retomada do massacre sobre os palestinos, assim que forem libertados todos os reféns.

A proposta de acordo tem por objetivo, de um lado, manobrar para tentar fazer com que os movimentos das massas em favor dos palestinos em todas as partes do mundo recuem, e deixem de pressionar os governos de cada país em favor da ruptura total de relações com o enclave dos EUA no Oriente Médio. De outro, para tentar acobertar sua ofensiva genocida sobre os refu- continua |>

**Manifesto PPRI**

giados em Rafah e em toda a Faixa de Gaza. Certamente, uma parte dos movimentos está inebriada e subordinada à “tentativa” de acordo projetada por justamente quem tem bloqueado há 8 meses todas e quaisquer tentativas de acordos na ONU e em outros organismos internacionais. E que acaba de impor restrições ao Tribunal Penal Internacional por ter condenado os sionistas Netanyahu e Gallant por crimes de guerra.

É certo que os EUA apresentam uma proposta de acordo de paz como resultado da pressão mundial e também em seu próprio país. Mas a enviam ao Oriente Médio no mesmo pacote em que postam as armas e munições que fomentam o genocídio.

São válidas e importantes todas as declarações e posicionamentos contra Israel e o genocídio. Mas se tornam em inconsequentes e até demagógicas/hipócritas se não são acompanhadas de ações, atitudes, que na prática estrangulam o Estado genocida de Israel. As rupturas e rebaixamentos diplomáticos, rupturas acadêmicas, etc., embora sejam passos nessa direção, também não são suficientes para sabotar a ofensiva militar que massacra milhares de crianças, mulheres e idosos em Gaza. São necessárias as rupturas econômicas, comerciais. E isso se traduz em reivindicações dirigidas aos governos, sejam eles de que parte do espectro político ideológico forem. E serão conquistados pelo aumento e radicalização dos movimentos de massa, nas ruas.

Também se colocam no sentido do estrangulamento das ações genocidas, o bloqueio de portos e aeroportos, como já realizado em alguns países, e a paralisação ou demolição de fábricas de insumos militares para Israel, como já foi feito na Inglaterra, e são os movimentos mais efetivos para impor o cessar fogo.

As massas estão nas ruas no mundo inteiro, ao lado dos palestinos, como nunca estiveram de conjunto. Essa é uma conquista da resistência palestina, que enfrenta os genocidas todos os dias, com as armas que tem em mãos. São 8 meses em que Israel não conseguiu impor seus objetivos militares, mesmo tendo a maior força armada mundial, a dos EUA, por trás de si.

O momento é de aumentar a pressão e impor o estrangulamento ao sionismo. Reforçar as manifestações de rua, ir às fábricas e chamar o apoio dos operários, parar as aulas nas universidades e levar a juventude às ruas e ao confrontamento permanente pelas reivindicações que levam ao fim do genocídio.

Enganam-se os que pensam que as eleições poderão de alguma forma alterar o curso da ofensiva militar genocida. As guerras na Ucrânia e na Palestina correspondem aos mesmos interesses do imperialismo estadunidense, e são parte de sua ofensiva de destruição das forças produtivas do mundo todo, em particular da China e da Rússia, diante da crise econômica mundial, que permanece ao longo dos anos, sem solução e se aprofundando. A crise capitalista obriga as burguesias em toda parte a tomarem medidas de ataques às condições de vida e trabalho das massas, e isso o fazem por meios repressivos e autoritários, no interior da democracia burguesa, que é usada justamente para cumprir esses objetivos. Em nenhuma parte, a burguesia está caminhando para políticas progressivas, tem necessariamente de ir para a direita e extrema direita. Isso se reflete nas eleições, com parlamentos dominados por reacionários, e ora elegendo monstros fascistas, ora elegendo nacionalistas/esquerdistas absolutamente subordinados ao capital financeiro internacional.

As políticas das direções das organizações das massas respondem

ao avanço da direitização da burguesia e de seus governos com o terror eleitoral. Anulam as reivindicações e os métodos da luta de classes, apontados como formas de amedrontar a classe média, e procuram desviar as massas para o cidadão das eleições. O resultado se vê em toda parte. Os governos vão impondo as medidas de ataques às massas sem resistência organizada. Com isso, avançam nas medidas de ataques e fortalecem as forças de direita e extrema direita. O resultado da negação das reivindicações e métodos de luta dos explorados é que permite na prática o avanço da extrema direita. O engodo da farsa eleitoral permite que a burguesia cada vez mais direitizada amplie suas medidas de ataques às massas.

Contra essa farsa, é preciso fortalecer a luta de classes, as manifestações de rua, etc. São esses os métodos que permitem fazer de fato o combate à burguesia direitista e defender os palestinos e os explorados dentro de nosso próprio país.

■■■

•••

***Viva a resistência palestina!  
Viva a luta das massas ao  
lado dos palestinos  
no mundo todo!***

***Cessar fogo já,  
incondicional! Estrangular o  
sionismo que massacra  
os palestinos!***

***Palestina Livre do Rio  
ao Mar! Fim do estado  
de Israel! Fora o sionismo  
e o imperialismo  
do Oriente Médio!***

***Nada de confiar nas  
eleições! Luta de classes  
para derrotar o sionismo e a  
burguesia em toda parte!***